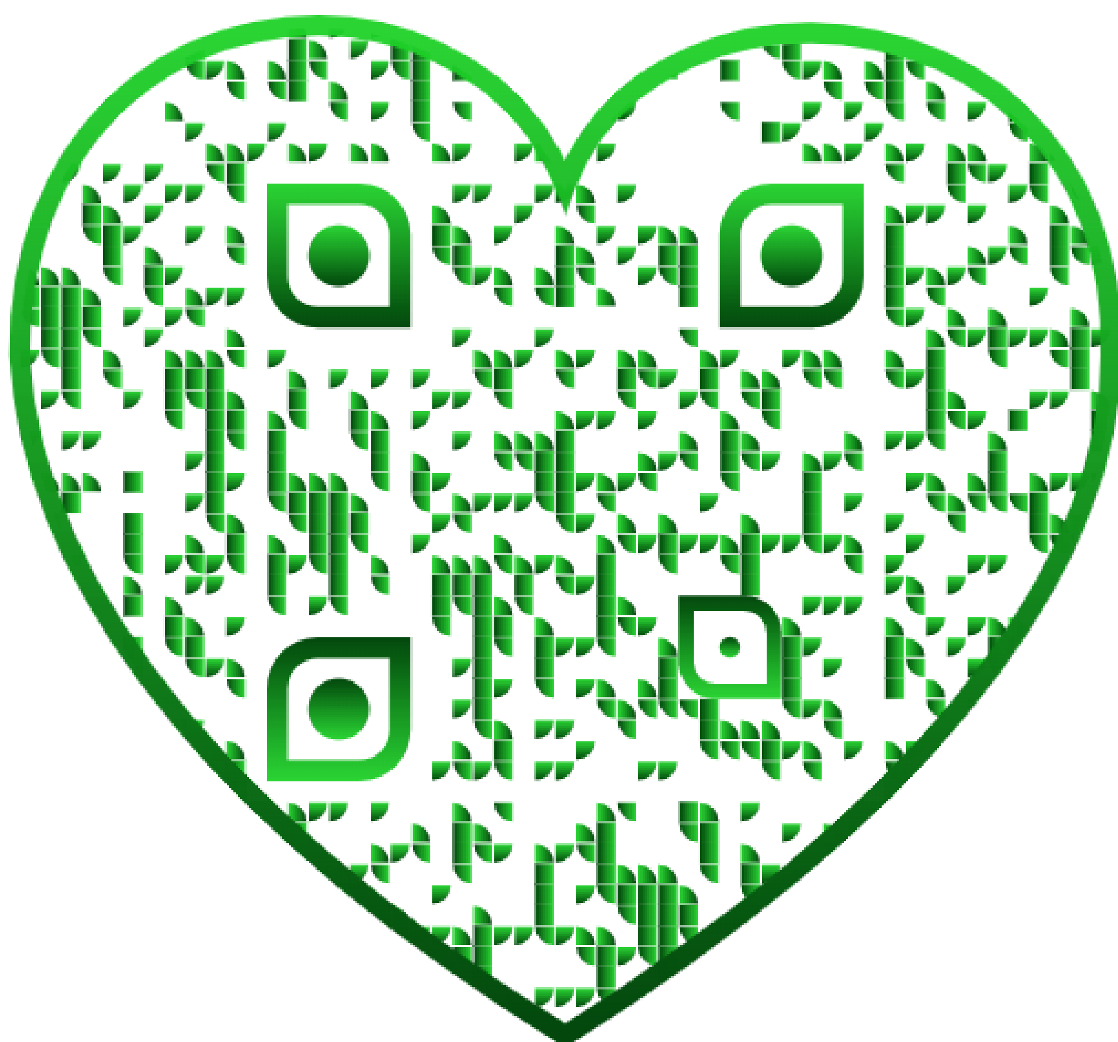
BEST-SELLER DA AMAZON

NANA PAUVOLIH

Bônus de Natal

Série Segredos

VOLUME 3.5



Bônus de Natal

Volume 3,5

Série Segredos

Nana Pauvolih

Bônus de Natal:
SÉRIE SEGREDOS

Capítulo 1 - Pouco antes do Natal – Tininha e Elvis Presley da Silva.
Capítulo 2 – Theo e Eva
Capítulo 3 – Micah
Capítulo 4 – A despedida de solteiro de Micah.

Capítulo 1 - Pouco antes do Natal – Tininha e Elvis Presley da Silva.

TININHA

Já estava tudo pronto para nossa viagem sem destino pelas estradas de Minas Gerais. A moto nos esperava no quintal com o tanque cheio e a bagagem amarrada atrás da garupa. Coisas de Elvis. Ele tinha conferido tudo umas trezentas vezes e me feito mostrar os documentos em minha bolsa. Como se importassem muita coisa, já que consegui toda aquela papelada e a placa do mesmo menino na favela Sovaco de Cobra, que tinha me vendido a moto. Eu tinha quase certeza que era falsificado, mas meu Rei não precisava saber de nada. Assim, ele não ia se preocupar e viajaríamos sem perder tempo.

Eu já estava aprendendo a lidar com ele. Enquanto se desesperava por tudo e queria perfeição, eu dava meu jeitinho. E no final das contas, o deixava tão doido que acabava fazendo todas as minhas vontades. Como aquela viagem e a visita que fizemos a um tatuador. Ele dizia que nunca deixaria uma agulha suja perfurar sua pele, mas eu já planejava meios de convencê-lo.

Sorri sozinha, sentada na cama dele, nua, com pernas cruzadas e maquiada. Eu já tinha tomado banho e me perfumado, escovado os dentes e feito gargarejo, como Elvis gostava. Achava aquilo encantador nele, o fato de ser tão limpinho e cheiroso. Não bastasse ser um professor muito inteligente e sério, ainda tinha casa e carro próprios. Tudo nele era impecável, correto, limpo, organizado. E eu estava gostando de ser tão bem tratada, de saber que ele se preocupava tanto

comigo, de ver que dava atenção ao que eu falava, que me ouvia. E, mais do que tudo, de saber que ele gostava de mim do jeito que eu era.

Mas na cama ... Ah, na cama a professora era eu. E o meu Rei um aluno ansioso por mais, cada vez mais. Tinha começado com aquele papo de germes e bactérias, falando difícil, me confundindo um pouco. Eu não entendia metade do que ele dizia, mas ficava ouvindo-o encantada, aquelas palavras desconhecidas me excitando, mexendo com tudo dentro de mim, deixando-me doidinha por ele. Só de lembrar o calor sobe por minha boceta, chegando quase a estourar meu clitóris. Mas como resistir quando Elvis, sussurrando ao meu ouvido, diz: “Amo como essa sua hipotenusa se encaixa perfeitamente na minha longitude”?. Ah.... eu não resisto.

Eu estava feliz por que finalmente o destino havia se cumprido e a profecia da Mãe Menininha da Cigana Preta estava se realizando. Eu não tinha conseguido um Falcão, mas uma águia, esperta e poderosa, um rei entre os seus. Nada de Pinto ou Galo. Uma Águia. Se não fosse Micah, eu nunca me daria conta daquilo, burra como era.

Pensar em Micah me fez lembrar de todas aquelas tatuagens e daquele piercing. Puta que pariu, se não fosse o destino, eu ia me agarrar nele e nunca mais soltar! Jamais tinha visto uma coisa daquelas na vida, um balangandã perfeito, uma joia rara única e linda. E aquele pau? Micah era a perfeição em pessoa, uma delícia. Pena que não pude provar e descobri logo que ele não era o meu escolhido pelo destino. Uma pena mesmo. Ao menos de Joaquim eu tinha as lembranças daquela gostosura toda, aqueles músculos, o furinho no queixo, o ...

Freei os pensamentos e sacudi a cabeça. Passado. Tudo aquilo era passado. Agora eu tinha meu Rei, que poderia não ser musculoso ou lindo, mas era meu e era o mais poderoso de todos. E quando eu não entendia o que dizia minha Águia me encarava com um olhar mortífero que me deixava enlouquecida de paixão.

Naquele momento Elvis entrou no quarto, completamente nu, com exceção das luvas de couro pretas. Desde que reparei que ele não parava de lavar as mãos, tinha dado as luvas de presente para ele e agora dificilmente as tirava. Era um grande contraste com a pele muito branca e isso era excitante demais. Admirei seu corpo magrelo, mas enxuto, o pau rosado que eu achava muito fofinho e lindinho, o cavanhaque e o cabelo espetado com gel que agora ele usava. Com suas lentes de contato, tinha o olhar mais firme e estremeci por dentro, apaixonada, murmurando:

- Mas como meu Rei é gostoso!

- Acha mesmo, Cristina? – Elvis se esticou um pouco e se aproximou, mais confiante em si mesmo, seus olhos passando por meu corpo nu que eu mantinha em forma e meus seios bem redondos pelos silicones. – Às vezes não acredito o quanto você é linda! E como pode ser tão bom ir pra cama com uma pessoa. Não posso mais procrastinar meus momentos com você.

- Não pode o quê? – Franzi o cenho, quando ele parou perto e acariciou, meio tímido, meu rosto. Suspirei, esquecendo minha pergunta, murmurando: - Ah, Elvis, esse toque do couro em minha pele me deixa louca! Vem aqui!

E o derrubei na cama. Quando o ataquei, meu Rei estremeceu e me abraçou e beijou, murmurando:

- Como está gostosa, de banho tomado e com os dentes assim escovadinhos ...

- Usei aquele enxaguante bucal e o limpador de língua que me deu. – Expliquei.

- Excelente. Você é uma boa menina, Cristina. Merece ser recompensada.

- E como pensa em fazer isso? – Nós rolávamos na cama, um apalpando o outro, bocas se encontrando, nossos corpos se roçando.

Não perdi tempo, comecei a beijar seu corpo, lambia, mordia, chupava cada pedacinho do meu Rei. Elvis foi ficando alucinado e, quando cheguei ao seu pau, grasnou como uma verdadeira águia.

Eu fui com tudo. Chupei com vontade, enfiando minha língua na sua abertura que já minava seu sêmen, usei as mãos, os lábios, os dentes, suguei seu pau com força, com desejo, com amor.

- Oh ...

Ele parava de raciocinar quando eu fazia isso. No início, só queria com camisinha. Uma vez eu o chupei com meia calça, mas fiquei de saco cheio e simplesmente o abocanhei sem nada. Ele tinha gostado tanto que se viciou nisso. Agora, não queria outra coisa.

Depois de lambê-lo e chupá-lo todinho, o fiz me lamber. Ainda ficava meio nervoso com aquilo, mas eu o incentivava e ele acabava fazendo tudo o que eu queria. No fim, estava duro, excitado, doido para seguir as minhas ordens e aprender o que eu tinha para ensinar.

Quando montou em mim e me penetrou usando um preservativo, eu abri as pernas para os lados, agarrei sua bunda magrinha e fitei seus olhos, murmurando:

- Isso, Águia Poderosa, come a sua Cristina. Mostre o que sabe fazer ...

- Ah, mas como é satisfatório isso! – E se animou mais, indo rápido, arquejando com seus movimentos.

Eu adorava aquelas palavras, muitas que eu nem sabia o que significavam. Excitada, eu o incentivei:

- Fale mais. Diga algo bem safado pra mim, meu Rei.

- Gosto demais de copular com você, Cristina ...

- Copular ... Ai ... – Estremeci, enlouquecida, nós dois cada vez mais rápidos e arfantes. – Mais, diz mais aí, Águia da minha vida ...

- Fico pândego quando estou com você, Cristina ... – Ele já respirava pesadamente, ar saindo

pela boca e pelo nariz, mas igualmente ligado no desejo, se empenhando para me deixar mais animada: - Aprecio sua vagina umedecida.

- Meu Deus, vagina umedecida! Nunca ouvi coisa mais excitante! É assim mesmo que estou! Molhadinha! – Eu o agarrei e me remexi sob ele, alucinada, deixando-o fora de si e arquejante ao me penetrar com pressa. – Mais, meu Rei! Diga mais!

- O aroma que você exala ... da sua vagina recôndita e rubicunda é inebriante! – Ele falou mais forte e começou a arquejar com o esforço, vermelho, suando, seus olhos movendo-se loucamente de um lado para outro.

- Ah, Elvis, assim não aguento! Mais!

- Você ... suscita ... O melhor e o pior em mim ... – Já respirava como cachorrinho, com a língua pra fora, metendo em mim e tentando se concentrar nas palavras. – É como uma ... veneta ...

Eu estava enlouquecendo com aquelas palavras, quando gritei implorando por mais e, selando o êxtase que me encontrava, meu Rei disse:

- Você me deixa pacóvio quando abre essa caixinha de surpresa e permite guardar minha lavanca-de-arquimedes nela....

- Oh! – Sua alavanca dura me devorava intensamente, me fazendo quase gozar, mas, num último suspiro, disse: - Fale mais!

Elvis tentou, mas se engasgou e parou no meio do ato de me penetrar, respirando com dificuldade, seus olhos buscando os meus, até conseguir ar suficiente para dizer, meio irritado:

- Cristina, ou eu falo ou introduzo meu pênis ereto na sua vagina umedecida ... Os dois juntos não dá ... Me falta fôlego. Podemos gravar umas frases bonitas ... e você coloca um fone de ouvido na hora em que ... estivermos copulando. O que acha?

Olhava-me sério, ainda dentro de mim, seu peito magro subindo e descendo com o esforço de respirar. Então eu sorri, maravilhada, puxando-o para mim e o jogando na cama, indo por cima montada nele, enquanto murmurava cheia de paixão:

- Como você é inteligente, meu Rei! Adorei! Vamos gravar cada coisa linda! Não entendo nada que diz, mas me deixa doidinha! Oh, homem gostoso! Que sortuda eu sou!

E literalmente o ataquei.

Gritei, rebolei, me sacudi, joguei os cabelos pra todos os lados. Elvis ficou fora de si vendo minha paixão. Mas não demoramos muito. Gozamos demais juntos e logo depois ele me arrastou para o banheiro para tomarmos banho. Depois trocou o lençol da cama, as fronhas do travesseiro e por fim nos deitamos de novo lá, enrolados em uma toalha.

Elvis arrumou um caderninho, uma caneta, acomodou-se e perguntei:

- Para que isso?

- Como sabe, sou um homem inexperiente em assuntos sexuais, Cristina. E como domina essa área mais do que eu, pensei que pode me dar umas dicas do que gosta e do que devo fazer na cama. Vou anotar tudo para não esquecer.

Eu o observava, escutando atenta. Quando olhou para mim, sorri apaixonada e murmurei:

- Como sou feliz em ter um professor como amante! Você tem ideias brilhantes, meu Rei! Então, vamos lá, anote aí.

- Vou anotar. E depois gravo as frases no celular!

- Isso, amor! Você é foda!

- Eu tento. – Sorriu, satisfeito.

Ficamos mais ou menos uma hora conversando, eu falando as sacanagens que eu gostava e como ele devia fazer e Elvis anotando.

- Quer que eu anote um pouco pra você, querido?

- Não, querida Cristina. Você é melhor com as palavras falando do que escrevendo.

Sorri, pois devia ser um dos elogios dele que eu não entendia muito bem.

Depois que ele começou a gravar as frases sensuais e difíceis, ficamos tão excitados que jogamos a toalha longe e nos amamos novamente.

Elvis enfiou o caderninho sob o travesseiro e, quando achava que eu não percebia, puxava-o e dava uma espiada no que devia fazer. Eu achava tão bonitinho! Franzia a testa e se concentrava lendo, para depois tentar fazer exatamente como estava explicado. E isso só me dava mais ideias para anotar.

Quando pegamos a estrada e paramos no primeiro hotel para passar o Natal, eu fui arrumar nossa Ceia e, quando entrei, o vi na cama estudando o caderninho. Guardou-o rapidamente sob o travesseiro, disfarçou, ficou meio corado. Deixei nossa bandeja na mesa e sentei na ponta do colchão, segurando suas mãos naquelas sexys luvas de couro. Emocionada, murmurei:

- Você me faz muito feliz, Elvis Presley da Silva. Mãe Menininha da Cigana Preta não poderia estar mais certa quando disse que seria o homem da minha vida.

Ficou ainda mais vermelho, nervoso, mas não desviou os olhos. Puxou-me para seus braços e murmurou:

- Você que me faz feliz, Cristina. Como nunca imaginei ser possível. Com você me sinto livre e poderoso. Eu ... gosto demais da sua companhia.

- Eu te amo, meu Rei. Você me ama?

- Amo. Eu te amo, Cristina. E esse vai ser o melhor Natal da minha vida.

- O meu também.

Joguei-me nos braços dele e sem querer demos uma cabeçada um no outro com o ímpeto com

que nos agarramos. Rimos juntos, pois às vezes a gente se atrapalhava um pouco. Mas aquilo que era gostoso. Sermos nós mesmos. E nos amarmos assim.

Capítulo 2 - THEO E EVA

THEO

Tínhamos ido jantar fora em um belo restaurante em Atenas e levamos Helena. Ela nos acompanhava em todos os lugares. Mesmo tendo empregados e babá na bela casa da Vila em que alugamos, preferíamos que ela estivesse sempre sob nossas vistas. Além do mais, de três em três horas mamava, assim, era nossa companhia constante.

Depois do sequestro dela e de Eva por Luiza e Lauro, eu mantinha dentro de mim um medo estarrecedor de que algo semelhante acontecesse de novo. Sabia que estavam mortos, aquela vingança enterrada, mas éramos ricos e eu preferia manter as duas sob às minhas vistas, ainda mais em um país estranho.

Enquanto Eva ajeitava Helena no carrinho, eu a observava. Estava extremamente linda em um vestido rosa leve e comprido, com os cabelos presos e saltos altos. Cada movimento, cada olhar, cada gesto que dava eu absorvia pra mim, o que fazia meu corpo transbordar de emoção e tesão.

Lentamente Eva levantou a cabeça e seu olhar encontrou o meu e, num sussurro sensual, disse:

- Você está lindo Theo! Você é o homem mais lindo deste mundo, do meu mundo.

Sorri. Eu tinha me arrumado para ela, como sempre. Vestia um terno preto bem cortado, com uma blusa branca por dentro, com os primeiros botões abertos.

Jantamos num clima gostoso, desfrutando a companhia um do outro. Aos olhos dos demais clientes do restaurante, aquele era um encontro familiar terno e sereno.

De fato, era. Mas o desejo de nos devorar, de fodermos até a exaustão, era latente, visceral, instintivo, pulsava além de nós. Desejava-nos a todo instante, em todos os lugares, de todas as maneiras. E não era diferente ali, naquele momento.

Eva percebeu as promessas veladas em meus toques, sorrisos, palavras, olhares. E retribuiu, me deixando louco de tesão. Permanecemos no restaurante tempo mais do que suficiente. E, quando já não mais conseguia esconder minha excitação, pedi a conta e partimos.

Quando entramos em casa após o jantar, fomos com cuidado para o quarto. Helena tinha acabado de dormir e Eva a depositou com cuidado no berço, acariciando seu cabelo com amor.

Eu as observei enquanto me servia de um uísque no aparador, pensando comigo mesmo que não poderia haver homem mais feliz do que eu. Não conseguia parar de olhá-las, de admirá-las. Eram minha vida e, a cada vez que lembrava que por pouco não as perdi, sentia o desespero prestes a me atacar.

Apertei o copo com força e tomei um gole do uísque, acalmando-me. O pior tinha passado. Eu sabia que agora nossa vida entraria nos eixos, mas parecia que a adrenalina ainda corria solta em meu sangue. Aquela viagem servia para nos recuperarmos de todo estresse e voltarmos à Minas revigorados. E estava dando certo. Até mesmo eu, que sempre tive energia demais, conseguia relaxar a aproveitar cada minuto na companhia das duas mulheres da minha vida.

A cortina da porta de correr, que dava para o terraço no segundo andar do casarão, estava aberta e esvoaçava para dentro do quarto iluminado fracamente. O cheiro de mar chegava até nós. O silêncio era quebrado apenas pelas ondas que batiam nas pedras mais abaixo, no penhasco. A visão do mar azul era estonteante e à noite ganhava uma coloração negra brilhante. Mas nada se comparava à beleza de Eva, indo até a poltrona perto do terraço e se sentando para tirar as sandálias, seus grandes olhos verdes se voltando para mim ansiosos e radiantes, como tinham ficado a noite toda.

Deixei o copo de uísque no aparador e tirei meu paletó, franzindo o cenho ao olhar para ela, excitado como sempre ficava. Era uma fome que não arrefecia. Quanto mais a tinha, mais eu a queria. E Eva sempre me dava tudo, meiga e entregue, apaixonada e excitada, pronta para tudo que eu quisesse fazer com ela.

Larguei o paletó sobre a cadeira e então puxei a camisa branca de dentro da calça, desabotoando-a. Tirei-a e então foi a vez dos sapatos e das meias. Seus olhos varriam meu corpo e ela ficou sentada na beira da poltrona, devorando-me, desejo e algo mais parecendo consumi-la viva.

Usando apenas a calça preta feita sob medida, aproximei-me devagar dela. Minha mão direita foi em seu rosto, erguendo-o para mim, fitando seus olhos enquanto indagava em um tom duro e baixo:

- O que você tem, coelhinha?

- Theo ... – Eva mordeu o lábio inferior e ergueu a mão, apoiando-a em meu quadril. Seus olhos encheram-se de lágrimas e senti um baque por dentro, um medo incipiente que me deixou nervoso.

- Por que está assim? O que a atormentou durante o jantar inteiro? – Exigi saber, meus dedos se infiltrando em seu cabelo enquanto a fazia se levantar e quase a colava em mim, pequena e delicada por estar descalça, suas mãos de espalmando em meu peito. Daquela maneira eu via seus

olhos expressivos de perto, tentava entender o que acontecia.

- Hoje, no final da tarde, quando foi ver o barco com o Miklos, eu fui à médica da vila com Helena.

Enterrei mais meus dedos em seu cabelo, tenso, semicerrando os olhos. Antes que eu pensasse um monte de besteira sobre ela ou Helena estar doente, murmurou emocionada:

- E foi como eu desconfiava há alguns dias. Estou grávida.

Mais lágrimas inundaram seus olhos e escorreram, enquanto todo meu ser se inundava de emoção, amor, alívio. Não era doença. Era vida, alegria, mais um ser que era metade Amaro e metade Falcão para crescer em meio à paz finalmente conquistada.

- Coelhinha ... – Murmurei e a puxei para mim, abraçando-a com possessividade, beijando aquelas gotas salgadas com amor, depois suas pálpebras, a ponta de seu nariz, dizendo baixo perto de seus lábios: - Quando penso que não posso ser mais feliz, você vem e me mostra que é possível sim.

- Ah, Theo ... Eu queria te falar durante o jantar, mas queria que fosse especial, quando estivéssemos assim, sozinhos ... Estou tão feliz!

Eu nem consegui falar mais nada, maravilhado, apertando-a contra mim e beijando-a na boca com paixão, meus dedos enterrados entre os cabelos em sua nuca, minha língua exigindo a dela com fome e volúpia. O outro braço eu passava firme em sua cintura e a colava em mim, aquele tecido fino do vestido longo irritando-me por me privar de sua pele.

Eva beijou-me com o mesmo desejo, suas mãos correndo em meu peito e pescoço, buscando-me com desespero, tremendo entre meus braços. Foi delicioso, extasiante e, em meio à emoção de saber que seria pai novamente, que Eva me dava mais um presente, senti também o desejo voraz me consumir e enrijecer meu pau.

Quando puxei sua cabeça para trás e fitei seus olhos lânguidos, cada parte do meu ser já respondia à ela e pedia mais, como uma labareda lambendo-me por dentro, aquecendo meu sangue, deixando-me a ponto de entrar em combustão.

- Um filho ... – Murmurei.

- Sim ... – Eva sorriu e lambeu os lábios úmidos, carnudos, que me deixavam doido. – Dessa vez vamos curtir juntos desde o comecinho, Theo. E quando ele nascer, estaremos ainda mais unidos. Pois nada mais no mundo pode nos separar.

- Nada. – Eu garanti, sem disfarçar minha felicidade. Passei a mão sobre sua barriga ainda lisa, sem sinais de gravidez, amor e desejo me corroendo. Fitei seus olhos com firmeza e tesão. – Agora preciso ser cuidadoso com você.

- Não. Pode ser como sempre foi. Pareço delicada, mas sou forte. Aguento o tranco.

Sorriu e me fez dar um meio sorriso, meus dedos se fechando sobre o tecido escorregadio do

vestido e erguendo-o devagar por suas pernas.

- Tranco? – Soltei seu cabelo na nuca e ele se esparramou entre meus dedos, longo e loiro, deixando-me mais doido de tanto tesão.

- Você é um furacão, Theo Falcão. Tem que ser muito mulher para dar conta dessa intensidade toda. E vou te falar, gravidez não é doença. Assim, pode vir com tudo. E me pegar como sempre faz.

- Não vou com tudo. Mas vou te pegar, Coelhinha. Disso não tenha dúvidas. – Avisei e então, fitando-a nos olhos, comecei a despi-la.

Quando ficou nua, eu já estava com uma ereção gigantesca e o coração batendo violento no peito. Olhei-a com amor e com luxúria, enquanto tirava minha calça, mais excitado ao ver como Eva me olhava esfomeada, encantada. Era sempre assim entre nós, um viciado no outro, desesperado pelo outro, como se precisássemos mais e mais de um toque, um contato, um beijo para sobreviver.

Atrás dela, a cortina continuava esvoaçando. No berço, Helena dormia quietinha. Sem preâmbulos, agarrei a mão de Eva e a levei para o terraço onde uma brisa deliciosa vinha do mar abaixo do terraço e o barulho das ondas explodindo era mais intenso. Ali tínhamos privacidade, cercados só pela natureza.

- Está vendo aquelas ondas explodindo nas pedras, coelhinha? É assim que me sinto sempre que estou com você. – Eu a fiz apoiar as mãos sobre o parapeito branco que protegia o terraço e chegava na altura do seu peito. Parei atrás dela, minhas mãos deslizando sobe a pele arrepiada de seus braços, dizendo contra seu ouvido: - Vivo, intenso, feroz, explodindo, violento, tudo ao mesmo tempo. Nunca para nem diminui, como se ondas se formassem o tempo todo. Só pra você.

- Ah, Theo ... – Murmurou, seus cabelos voando, indo para seu rosto, olhando o mar bravio lá embaixo e virando a cabeça para buscar meus olhos igualmente tempestuosos. Disse emocionada: - Eu te amo tanto!

- Não mais do que eu amo você. – Estremeceu e gemeu quando fechei as mãos em volta dos seus seios e os acariciei, sentindo-os duros e com mamilos intumescidos, cravando meus dentes em seu pescoço e mordendo-a.

- Ah ... – Virou a cabeça para o lado, dando-me acesso livre ao seu corpo, quietinha enquanto seus olhos se perdiam na imensidão lá embaixo e se submetia a mim, como sempre, toda minha para fazer tudo que eu quisesse.

Eu amava aquilo nela. Amava tudo. Seu jeito, seu olhar, seu corpo, sua personalidade. Mas aquela entrega toda acabava comigo, me deixava a ponto de sempre perder a razão e de necessitar dela como um condenado. Era uma fome que precisava ser alimentada, uma sede que só arrefecia quando eu a tinha, para logo voltar, mais e mais intensa.

Apertei seus mamilos e subi a boca até sua orelha, firmando os pés no chão e me agachando o

suficiente para esfregar meu pau duro em sua bunda, dizendo rouco:

- Depois que nosso filho nascer, vamos dar um tempo antes de ter o próximo. Quero levar você no calabouço e usar meus objetos em você. Ainda tem muita coisa para te ensinar, coelhinha ...

- Sim ...

- E quero que volte a menstruar. Sinto falta de chupar você, do seu sangue.

- Ah, Deus ... – Estremeceu, ainda mais quando escorreguei a mão por sua barriga e masturbei-a devagar, sentindo a bocetinha pequena e melada molhar meus dedos, como convulsionou, já pronta. Belisquei seu clitóris e gritou abafado contra o vento, agarrando-se mais na mureta, excitada demais.

- Desde que Helena nasceu e você a amamenta, não provei mais seu sangue. E quero mais, Eva. Quero tudo. Cada parte sua para mim. – Mordi mais seu pescoço, firme, sugando, marcando sua pele branca com chupões.

- Ah, Theo, por favor .... – Suplicou, se esfregando em mim, tremendo, sua cabeça caindo em meu peito. Buscava sofregamente o meu pau, fora de si, precisando de mais.

- Essa bocetinha quer alguma coisa?

- Você. Por favor, meta em mim ... Ah ...

E eu a torturei, juntando os lábios vaginais e os esfregando juntos entre o polegar e o indicador, aquecendo-os, fazendo-a delirar e soltar mais líquidos contra meus dedos. Com a outra mão eu girava seu mamilo e o apertava, até que a umidade do leite o lubrificava e me deixava mais doido. As pernas de Eva bambeavam e ela delirava em meus braços como uma massa sôfrega, perdida.

Não aguentei mais e abri seus lábios vaginais com os dedos, minha mão espalmada pela frente em seu clitóris, que roçava duro em minha palma. Por trás, eu meti a cabeça em sua abertura delicada e empapada. Gemi rouco e soltei um palavrão quando me enterrei todo nela, até o fundo.

- Porra ... Minha coelhinha gostosa. Agora toma. Se segure que vou foder você.

E o fiz, bruto, estocando forte e firme em sua boceta. Eva gritou, seus cabelos espalharam com o vento, sua voz se misturou com o barulho das ondas. Cravei meus dentes em sua nuca e a mordi ali, severo, ríspido, metendo nela cruamente, como um animal cobrindo sua fêmea, apertando seu mamilo, masturbando-a com a mão livre.

- Theo ... – Ela delirava incontrolavelmente, enquanto minha mão em seu seio subia e de fechava em sua garganta, apertando o suficiente para que soubesse a quem pertencia, fazendo-a ficar com a cabeça contra meu ombro enquanto eu a fodia cruel e bárbaro, dizendo em seu ouvido:

- Depois vou sentar na cama e vai me cavalgar enquanto chupo seus mamilos e sugo seu leite, como faço toda noite. E então vai ser sua vez de ficar ajoelhada e mamar meu leite todo, como

sempre faz. Mas agora, vou te foder. Meter duro nessa boceta pequena e macia que é só minha.

- Ah, Theo, pare, eu ... Eu vou gozar ... – Suplicou estarrecida enquanto eu a comia mais e mais forte, massageando seu clitóris. Quando enfiei o indicador junto com meu pau dentro dela e cravei os dentes em seu pescoço, chupando forte, gritou fora de si e foi arrebatada pelo orgasmo.

Não parei. Eu a devorei ali de pé no terraço, cercado pelos elementos ferozes da natureza, mas nada se comparava com o que eu sentia. Saía de dentro dela só para entrar de novo com tudo, profundamente, amparando-a firme contra mim, chupando aquele ponto em que a veia latejava em seu pescoço contra minha língua, os dentes enterrados em sua carne. Meti e meti mais, mesmo depois que parou de gozar e desabou mole em meu corpo. Fechei os olhos e me entreguei, alimentando-me dela, de tudo que me dava, daquela boceta que palpitava melada em volta do meu pau.

Rosnei e fui tão bruto que Eva se encostou contra a mureta e teve que se apoiar nela, gemendo baixinho, tremendo enquanto o vento nos arrebatava e fazia seu cabelo voar loucamente e se colar em minha pele suada. E foi ali que explodi, o esperma se espalhando quente e denso dentro dela, inundando-a, tornando tudo abissalmente mais luxurioso, quebrando-me em gemidos ensandecidos e voláteis.

Gozei muito. Então a amparei contra mim e passei a língua onde mordi, voltando a respirar, ainda todo agasalhado naquela quentura deliciosa.

- Minhas pernas estão moles ... – Murmurou cansada, trêmula. Foi um custo me forçar a sair de dentro dela. Mas ainda não podia soltá-la totalmente. Assim, a virei entre meus braços e, como se não pesasse nada, ergui-a em meu colo.

Seu olhar pesado encontrou o meu e não deixei de olhá-la enquanto voltava para dentro do quarto. Então, Eva acomodou a cabeça em meu peito e me abraçou, toda minha. Aconcheguei-a contra o peito, beijei seu cabelo e lancei um olhar a Helena no berço, que ainda dormia quietinha.

Fui para a cama e depositei Eva ali com cuidado, me esticando ao lado dela. Antes de deitar, beijei sua barriga com amor e emoção, sem poder acreditar que mais uma vida se formava ali, uma parte nossa, uma vida que só viria para nos banhar ainda mais de felicidade.

- Foi tão bom ... – Ela murmurou quando depositei a cabeça no mesmo travesseiro em que estava, minha mão espalmada em seu ventre, a sua se erguendo para passar entre as ondas do meu cabelo.

- E quando não é? – Eu disse de volta, baixo, gostando também daquela parte após o sexo, quando tínhamos um momento de conexão todo nosso.

- Sempre é uma delícia, Theo. – Sussurrou e sorriu. – Está feliz?

- Muito, coelhinha. Esse ano muita coisa aconteceu, mas felizmente vai terminar melhor do que era possível. Estamos juntos com Helena, vamos ter mais um filho, em casa tudo se resolveu

entre meu pai e Micah. Nada podia ser melhor. – Minha voz era baixa, mas não contive a emoção e Eva percebeu.

- Incrível como tudo isso aconteceu. Tanta tragédia e, ao final de tudo, Micah sempre foi um Falcão. – Seus dedos vieram ao meu rosto, passeando carinhosos em minha barba.

- Imagino como meu pai está se sentindo. Heitor disse que ele ficou desesperado quando soube. Eu queria ter estado lá para ajudar e ver a reconciliação do velho com meu irmão.

- Ainda dá tempo. Por que não voltamos para o Natal?

Eu a fitei profundamente.

- Prometi a você um mês de descanso aqui, coelhinha.

- Já tivemos duas semanas maravilhosas. E sei que quer estar entre sua família no Natal e no fim de ano. Também sinto falta da Gabi, da Tia, de todos. – Sorriu docemente para mim. – Mais feliz do que já estou é impossível. Tudo de ruim ficou pra trás, Theo.

- Eu sei. É por isso que amo você. – Puxei-a para meus braços e Eva apoiou a coxa em meu quadril, abraçando-me. Falei perto de sua boca: - Está sempre atenta a tudo que me faz feliz.

- E como não ficaria, Theo? Você é meu mundo, minha vida. – Abraçou-me forte.

Eu a beijei profundamente, emocionado e dominado pelos sentimentos vorazes que despertava em mim. Agradeci silenciosamente a Eva por me entender, por querer voltar para a fazenda. Junto ao meu pai, à Tia e aos meus irmãos, com ela e Helena, com nosso filho que começava a se formar, eu era completo.

Não havia no mundo homem mais feliz do que eu.

Capítulo 3 – Micah

MICAH

Não havia no mundo homem mais feliz do que eu.

Era o que eu pensava ao acordar no dia 25 de dezembro no quarto que dormi nos primeiros dezoito anos da minha vida, na fazenda. Tinha sido reformado e agora tinha uma cama de casal, outros móveis, mas Tia tinha guardado muitas coisas minhas e colocou lá de volta. Retratos, objetos como uma bola já murcha, meu estilingue, algumas camisas passadas e bem conservadas, tudo mostrando o cuidado que teve ao pensar em mim todos aqueles anos.

Eu sorri comigo mesmo, satisfeito, me espreguiçando, nu e com uma ereção de doer. Busquei Valentina na cama, mas ela não estava ali. Já devia ser tarde e na certa estava lá embaixo com Tia e as mulheres ajeitando as coisas do almoço naquele dia de Natal. Ainda na cama, passei a mão sobre meu pau duro, sedento para estar dentro de Valentina de novo. Ela me chamava de "o tarado da manhã", pois sempre acordava assim, já pronto e com tesão para transar com ela.

As imagens da noite anterior voltaram vivas em minha mente, dominando meu corpo. Depois que fui com Valentina para aquele quarto, nós nos amamos de maneira intensa e sôfrega na cama, beijando-nos o tempo todo na boca, consumando o amor e a felicidade que já faziam parte de mim. E agora tudo que eu queria era repetir aquilo de novo.

Acariciei-me mais uma vez, me conformando que ficaria só na vontade naquela manhã. Afastei o lençol do corpo e vi meu pau esticado como um poste, o piercing na ponta brilhando junto com as gotas de pré-sêmen que saíam. Soltei um palavrão e foi então que meus olhos bateram no celular sobre a mesinha de cabeceira. Na mesma hora eu o agarrei, um sorriso lento se formando em meus lábios.

Bati várias fotos do meu pau ereto e escolhi a que ele aparecia mais perfeitamente naquele estado. Recostado nos travesseiros, com um misto de tesão e risada, eu escrevi um recadinho para Valentina e enviei junto com aquela foto:

"Gostou, amor? É assim que estou aqui, no quarto. Louco pra foder essa boceta molhadinha e te encher de porra. E depois ficar olhando você andar pela fazenda com meu esperma escorrendo por

suas dobras, lembrando a você que estive aí, no meio das suas pernas.

Ah, feche a boca. Todos vão perceber seu espanto.

Te amo".

Depois de enviar minha foto e a mensagem para Valentina, levantei agitado, disposto a mais um dia radiante, mas correndo para tomar uma chuveirada fria e aliviar o meu estado.

Debaixo d'água, lembrei de como foi maravilhoso passar a véspera de Natal com minha família. Quando deu meia-noite, ceamos todos juntos e olhei em volta o tempo todo sem poder acreditar que depois de tantos anos eu estava ali.

O sorriso do meu pai enchia meu peito de amor, me dava a certeza de que nada mais nos afastaria um do outro. Os erros estavam esquecidos. Ali só tinha espaço agora para amor, perdão e uma nova realidade, pura e feliz entre os meus, como sempre quis. Olhei meus irmãos, Theo de volta para estar conosco, a alegria no rosto de cada um, que se espelhava em Tia, sorridente e emocionada. Éramos de novo uma família e, como se não bastasse isso, eu ainda tinha meu filho Cacá e Valentina, a mulher da minha vida. Não tinha como um homem ser mesmo mais feliz.

Levantei naquela manhã agitado, disposto a mais um dia radiante, correndo para tomar uma chuveirada. Tinha me acostumado tanto a dormir e acordar ao lado de Valentina que uma parte de mim parecia faltar enquanto eu não olhasse para ela. Saí do quarto em busca dos seus olhos negros e daquele sorriso que com certeza me completaria novamente.

Dei de cara com Theo no corredor, vindo do seu quarto. Sorri e comentei:

- Parece que fomos os dorminhocos da vez.

- Você. Todo mundo já está lá embaixo acordado, até Helena e Caio. Vim aqui buscar meu celular. – Meu irmão mais velho me olhou sem aquela dureza toda que parecia fazer parte de sua expressão, como se algo o amansasse. Dei-me conta que devia ser a mesma felicidade que me fazia sorrir como um bobo. – Mas foi bom te ver, queria conversar em particular, Micah.

- O que houve? Algum problema?

- Não. Venha aqui, separei uma coisa para você em meu quarto.

- O que é?

Theo sorriu de leve e abriu a porta. Eu o segui até a suíte, curioso. Ele caminhou até o armário de madeira maciça a um canto e o abriu, explicando ao pegar uma grande caixa e levar até a cama, depositando-a ali:

- Tudo o que está aqui é seu.

Olhou-me e eu o observei, calado por um momento, sem entender. Todo mundo tinha trocado presentes na noite anterior e Theo tinha me dado um terno italiano, dizendo que era para as reuniões

que eu participaria dali para frente sendo um dos representantes dos negócios da família. Franzi o cenho e me aproximei devagar, curioso, expondo meu pensamento:

- Já ganhei meu presente ontem.

- O deste ano.

- Como assim? – Abri a caixa e espiei dentro. Havia embalagens de presentes, várias. Segurei uma e encarei Theo de novo. – É meu?

- É. Abra.

Eu abri. Havia um conjunto de cd's de várias bandas de rock famosas, alguns em álbuns duplos, formando uma relíquia para quem adorava rock como eu.

- Acho que esse foi do ano retrasado.

Encarei Theo, ainda um pouco confuso. Deixei os cd's na cama e peguei outra caixa, que continha camisas sociais de diversas cores, devidamente dobradas umas sobre as outras.

- Isso vai servir agora que é um homem de negócios, embora eu duvide que vá deixar suas jaquetas e coturnos de lado. Comprei esse ano passado. – Ele explicou.

Deixei as camisas ao lado dos cd's e por um momento não pude olhar para meu irmão. Meus olhos estavam cravados naquela caixa aberta cheia de presentes e tive certeza de que haviam quinze ali, um para cada ano que passei fora de casa. Uma emoção violenta me engolfou e tive vergonha de ficar com os olhos marejados. Respirei fundo e finalmente consegui olhar para ele, muito abalado.

- Eu só queria que você soubesse que nunca esquecemos de você nem deixamos de te procurar, Micah. – Theo explicou baixo, seus olhos azuis também carregados de emoção, fixos nos meus. – Eu imaginei que você voltaria um dia e a cada Natal novo que chegava, comprava seu presente e guardava quando não aparecia. Agora posso finalmente entregar todos. Tem sapatos, roupas, relógio, livros. Não sei se vai gostar de tudo.

- Nem preciso olhar para saber que vou gostar, Theo. E que vou usar cada coisa, mesmo que seja uma camisa de Havaiano ou uma bermuda rosa berrante. – A voz não parecia nem a minha, de tanto que me sentia tocado com aquele gesto inesperado. – O que importa é o significado de tudo isso. Porra, não dá nem para acreditar!

Esfreguei o cabelo, ainda chocado. Theo havia assumido tudo após a tragédia. A casa, a família, os negócios, tornando-se o responsável por tudo. E assim como sei que não deixou faltar nada para meus irmãos, havia se preocupado comigo. Eu não fui esquecido e relegado a segundo plano. De algum jeito, ele deixava agora isso claro para mim. A cada Natal e ano que passava, ele contou com a possibilidade que eu voltasse ou que me encontrasse.

Lutei com tantos sentimentos e me senti de novo um garoto. Por vezes sem conta Theo tinha me chamado para conversar ou me dar broncas, além de ir à escola quando eu fazia minhas merdas.

Procurava estar sempre atento para não permitir que nosso pai tocasse em mim. Ele foi um pouco meu pai. E terminava de demonstrar isso agora.

- Porra, cara, você não vai me fazer chorar! – Reclamei. – Vou ficar com fama de bebezão da família.

Ele riu. Surpreendi-o ao me aproximar e abraçá-lo com força, murmurando:

- Obrigado.

- Pare com isso. – Mas não me afastou. Deu tapas em minhas costas e me soltei sem graça, sorrindo, lançando um olhar a ele, brincando:

- Mas pelo amor de Deus, não tem nenhuma bermuda colorida aí no meio, não é?

- E eu sou homem de comprar bermuda colorida? – Acabou rindo.

- Ontem a Tia quase me fez chorar me mostrando as coisas minhas antigas que guardou todo esse tempo, hoje foi você. Mais uma e não consigo fingir que sou machão e que não choro à toa.

- Já era, essa fama de bad boy não combina mais com você, Micah.

- Porra, e ainda debocha de mim! – Rindo, fui como criança até a caixa e comecei a abrir os outros presentes, até que tinha tudo sobre a cama e sorria bobamente, feliz da vida. – Valentina não vai acreditar nisso! Adorei tudo, Theo. De verdade.

- Se eu soubesse que ficaria assim, teria colocado alguma coisa bem horrível no meio só de sacanagem para ver se ia usar mesmo. – Ele começou a me ajudar a colocar as coisas de volta na caixa.

Eu ainda nem conseguia falar direito tudo o que eu queria, para demonstrar como tinha ficado feliz e emocionado com os presentes, com o fato de, mesmo longe e sozinho e de todas as merdas que fiz, de alguma forma eu tinha estado ali com eles.

Olhei para Theo e, como se soubesse como eu me sentia, ele disse sério:

- Sempre soube que você era um bom garoto, Micah. E provou isso quando voltou só para me ajudar, mesmo que isso custasse muito a você. Então, estamos quites. Somos irmãos e uma família. E agora nada mais separa os Falcão.

- Sei disso. E foi a melhor coisa que fiz. Voltar.

- Foi. As coisas saíram melhores do que podíamos imaginar. Agora vamos descer e aproveitar nosso Natal como deve ser.

- Isso. – Concordei.

Deixei a caixa em meu quarto e desci em um papo animado com Theo. Na sala, meus irmãos conversavam e implicavam com Cacá sobre como chegar junto de uma gatinha, deixando-o vermelho e sem graça. Meu pai, em sua cadeira, parecia descansado e sorria. Olhou-nos com orgulho, como se estivesse feliz mais do que podia suportar em ter todos nós ali.

- Pai. – Eu beijei seu cabelo branco e pus a mão em seu ombro.

- Mulher a gente tem que chegar pegando. – Dizia Pedro a Cacá, com seu jeito agressivo e decidido. – Passa a mão no braço dela, leva pra um canto, encurrala ali, diz um monte de sacanagem no ouvido e pronto, ela já está na sua.

- Não escuta esse cara. Só fala merda. – Retrucou Heitor, calmo, provocando Pedro. – Por isso esse seu tio aí de vez em quando cai na porrada com alguém, não tem noção de nada. Outro dia fez isso com uma mulher em um bar de Pedrosa em que estávamos e ela era casada. O marido veio com tudo em cima dele. Deu a maior merda, tive que me meter pra separar a briga e ainda tivemos que pagar o prejuízo do bar.

- Acidentes acontecem. Agora fico mais atento se a mulher está acompanhada. – Pedro deu de ombros e sorriu. – Mas elas gostam do cara que vai e pega sim, Cacá. Tem que ter atitude. Esses dias mesmo, vi a maior gata em um restaurante. Quando passou e sorriu pra mim, falei pra ela: "Que boca linda! Vai ficar ainda mais bonita pagando um boquete no meu pau". Na hora ficou na minha. Levei pro Motel e mandei ver.

- Porra, Pedro, meu filho tem 14 anos! – Reclamei, mas eu ria da cara de Cacá, vermelho como um pimentão.

- Mas já tem que ser macho, saber como as coisas funcionam.

- As coisas funcionam assim na cama. – Heitor tomou a palavra, mas também se divertia com a conversa. – Cacá, quando você transar, vai entender que na cama a mulher não quer ser tratada como dama. Ela gosta de uma boa sacanagem. Aí concordo com esse seu tio tarado aí.

- Eu. – Pedro disse, orgulhoso.

Meu pai riu e seu ombro sacudiu. Eu acabei rindo também. Joaquim balançou a cabeça, divertido. Theo apenas ouvia, indo se sentar no sofá. Heitor continuou:

- Mas quando você conhecer uma menina que goste, tem que conquistar. Olhar bastante, sorrir, deixar que ela sinta que só tem olhos para ela, conquistá-la. Uma mulher gosta de ser seduzida.

- Tá bom, Tio. – Concordou Cacá.

- Seduzida pra mim é ser direto, mostrar que está a fim e pronto. Pra que perder tempo com conversa? – Pedro indagou, sério.

- É um brutamontes mesmo. – Joaquim riu. – Na certa ver a mulher que quer, joga no ombro e corre pra primeira cama, sem nem dizer o nome!

- Não precisa ser em uma cama. – Retrucou Pedro com cara de pau e eles riram.

- Filho, quando quiser conselhos sobre conquistar uma garota, fale comigo. – Sorri para Cacá. – Esses seus tios não sabem de nada. Acho que sou o único normal nessa família.

- Ah, essa é boa! – Joaquim se acabou de rir.

Falaram mais coisas, mas eu estava cheio de saudades de Valentina e querendo saber se ela tinha visto a mensagem, agitado. Deixei-os na sala e fui para a cozinha, onde Tia, Eva, Gabi, Valentina e Margarida, a enfermeira, arrumavam tudo para o almoço.

- Oi, meninas da minha vida. – Cumprimentei-as sorrindo e meus olhos encontrando os de Valentina, só isso já sendo o bastante para amainar um pouco da minha saudade. Sorri satisfeito quando ela ficou vermelha como um pimentão.

Todas me cumprimentaram, animadas, e Tia provocou:

- Alguém aqui dormiu mais do que a cama.

- É que ontem à noite fiz esforço demais para satisfazer uma mulher apaixonada. – Aproximei-me de Valentina, já a agarrando pela cintura e puxando-a para mim. Murmurei: - Por que não me acordou? Fiquei morrendo de saudade, amor. Viu o que fea comigo?

Beijei-a na boca com paixão e ouvi risinhos. Valentina também riu sem graça, virando o rosto, corada, dizendo baixinho:

- Micah, as meninas estão aqui ...

- E o que tem demais? Com licença, minha mulher é tímida, mas preciso de um beijo ou não consigo mais dar um sorriso durante o dia. – E já fui puxando-a pela porta da cozinha.

Chegamos à varanda e fomos para a lateral perto de um sofá, onde teríamos mais privacidade. Então a encostei na parede buscando seus olhos, ansioso por senti-la contra mim. Valentina murmurou já excitada, me abraçando com força, tão cheia de saudade e desejo quanto eu:

- Seu maluco ... Quase morri de vergonha! Tia estava do meu lado e por pouco não viu a foto!

- Maluco por você. Olha o que faz comigo. – E a esmaguei com meu corpo para que sentisse meu pau duro, dizendo contra sua boca de maneira provocante: - Agora vai aprender a não deixar mais o seu “tarado da manhã” sozinho quando acordar.

E então beijei sua boca, bem gostoso, sugando sua língua, saboreando-a com volúpia.

Gemeu baixinho e então espalmou suas mãos em minhas costas enquanto eu a segurava pelas laterais do pescoço e mordia seus lábios, apaixonado, cheio de desejo, cheio de amor. O beijo foi longo e profundo, até que abri os olhos e encontrei os dela, langorosos, enquanto eu acariciava seus cabelos e dizia baixinho:

- Esse é o melhor Natal da minha vida.

- O meu também, Micah.

- Mas só é perfeito por que tenho você comigo, Valentina. Você e nosso filho. – Beijei novamente seus lábios e então me afastei apenas o suficiente para sentar no sofá e puxá-la para meu colo. Sorriu ao sentir meu pau duro e comentou:

- Você é insaciável ... Não pode nem encostar em mim.

- Quem manda ser gostosa. E você? Não está nem um pouco a fim? – Perguntei perto do seu ouvido, sussurrando em sua orelha. Lentamente passei a mão em seus seios sobre a blusa e senti os mamilos arrepiados, como sempre ficavam quando se excitava.

- Só um pouquinho. – Provocou, roçando de propósito a bunda no meu pau, só para me deixar mais doido.

- Vamos para o quarto ... – Lambi sua orelha, passando a língua devagar por cada labirinto, fazendo-a estremecer.

- Micah, pare ... Todos vão saber ...

- E daí?

- Tem Cacá. Ele está numa idade difícil, vai ficar sem graça.

- É verdade. Porra, mas acordei com o maior tesão. – Afastei um pouco a cabeça e busquei aqueles olhos lindos e exóticos. – Que tal um passeio de moto?

Valentina riu e beijou meus lábios suavemente, abraçando-me.

- Sei bem o que gosta de fazer comigo em cima de uma moto.

- Ainda bem que sabe. – Sorri também, cheio de intenções, deslizando minha mão em sua coxa sob a saia. – Mas ainda tem mais coisas. Posso te mostrar.

- Imagino que sim, seu safado. Agora, para quem estava tão doido assim com saudades de mim, até que demorou demais para descer do quarto.

- Eu encontrei Theo no corredor. – Expliquei tudo a ela e os olhos de Valentina se encheram de lágrimas.

- Ah, Micah ... – Abraçou-me forte, emocionada. Fui invadido também por vários sentimentos e ela acariciou e beijou meus cabelos, murmurando: - Você merece cada um daqueles presentes. Sempre foi inesquecível, para mim e para a sua família. E isso é a prova viva de que esteve conosco mesmo longe.

- Com você também?

Ela me olhou, seus dedos em meus cabelos, cada parte do seu ser demonstrando seu amor.

- Ainda pergunta? Sempre foi só você, Micah. Eu me forcei a ficar com Elvis, tentei seguir minha vida, mas nunca ... Nunca mesmo, esqueci você. E hoje sei que o maior presente que eu podia ter na minha vida era esse, estar com você, saber que me ama também, que vai casar comigo. – Sua voz embargou e espalhou beijos apaixonados por meu rosto. – Eu te amo tanto! Tanto!

- Valentina ... Você é tudo pra mim. É meu amor.

E puxei-a para meus braços, beijando-a de novo na boca com desejo, amor, êxtase, tudo que despertava em mim e me deixava enlouquecidamente apaixonado por ela. Foi como pensei naquela

manhã.

Não havia no mundo homem mais feliz do que eu.

Capítulo 4 – A despedida de solteiro de Micah.

JOAQUIM

Era finalzinho de janeiro e tinha chegado o sábado, quando ocorreria a despedida de solteiro de Micah no Falconetes. O bar tinha sido alugado só para os homens até dez e meia da noite, quando então abriria para o público em geral. Acho que todos os homens de Florada foram convidados e haveria comida e bebida à vontade, além de dançarinas de pole dance no palco. Durante a semana toda os trabalhadores da fazenda não falaram de outra coisa, ansiosos.

Ia começar cedo, às sete da noite. Eu, Pedro e Heitor íamos de carro com Theo. Ele disse que não beberia e assim a gente ia poder tomar todas sem preocupação em dirigir. Quando saí do quarto, de banho tomado e arrumado, não vi Gabi em parte alguma. Fui achá-la sentada na varanda, nosso filho Caio dormindo no carrinho ao seu lado. Seus cabelos caíam ruivos e brilhantes sobre seus ombros, os olhos castanhos claros um pouco inseguros no seu rosto lindo, rosto que amei a minha vida inteira.

- O que houve? Ainda está com ciúmes? – Sorri e segurei suas mãos, fazendo-a levantar e puxando-a para mim, abraçando-a. Era pequena, mas encaixava certinha entre meus braços musculosos. Eu adorava quando a tinha assim, contra mim.

- Não consigo parar de pensar naquelas mulheres nuas se esfregando em você, Quin. – Mordeu o lábio, agoniada.

- Não vai ter mulher se esfregando em mim. Elas vão ficar no palco, Gabi. – Meu sorriso se ampliou. Acariciei seu cabelo nas costas.

- Nuas. Peladas. Se abrindo todas naquele ferro ... Ai, que raiva! Como Valentina deixou Micah contratar essas mulheres? Tenho vontade de ir lá e arrancar os cabelos delas até deixar todas carecas!

Eu ri com gosto.

- Pare de ser boba. Valentina sabe que elas nem vão chegar perto da gente e não vão ficar nuas. É apenas uma dança, para divertir os rapazes, virar uma farra.

- Sei que farra! – Exclamou, cheia de ciúmes, seu rosto corado. – Quero ver se vão achar essa graça toda se a Valentina contratar Gogo boys para sua despedida de solteira amanhã! Tomara que ela contrate!

- Eu dou porrada neles se chegarem perto de você. – Falei na hora e ela sacudiu a cabeça.

- Está vendo? Se você pode, eu posso também!

Olhamos um nos olhos do outro, prontos para brigar. Eu morria de ciúmes dela e Gabi morria de ciúmes de mim também. Mas foi só fitar aqueles olhos que eu amava tanto, que amansei. Puxei-a para mim e murmurei:

- Prometo que nem vou olhar pra elas. Só tenho olhos para você, meu anjo. Sou tão apaixonado que até dói.

Gabi amansou também e subiu as mãos por meus ombros, dizendo baixinho:

- Sei que às vezes sou boba, até infantil. Mas é que te amo demais, Quin.

- Como amo você, Gabi. Mas fique tranquila. Tudo o que eu quero, eu tenho aqui. Você e Caio.

- Ah, Quin ...

Puxei-a mais e nos beijamos com paixão, famintos, vorazes. Era sempre assim. Tínhamos um fogo que não acabava. E eu adorava estar com ela, tocá-la, cheirá-la, voltar para casa após um dia de trabalho e saber que estava lá, linda e meiga, fitando-me com aqueles olhos que me deixavam doidos.

Era comum fazermos companhia aos outros na casa, jantarmos, conversarmos, mas o tempo todo de olho um no outro. E então, quando entrávamos no nosso quarto e Caio dormia, era quando podíamos nos abraçar, sedentos, como se tivéssemos ficado separados por anos.

A cada peça de roupa que caía, era um suspiro vindo dos meus lábios ou um gemido dos dela. Nossas mãos e bocas percorriam cada palmo da pele um do outro. E entre lençóis macios fazíamos de tudo, tudo mesmo. Não havia limites para nossa paixão e nos entregávamos a ela sem reservas, ansiosos, famintos.

Todo canto do quarto e do banheiro já tinha sido estreado por nós. Uma vez fizemos às pressas no escritório, com medo de sermos pegos a qualquer momento. Em outras, deixamos Caio com Tia e fomos para locais desertos na fazenda, como na cachoeira ou entre algumas árvores.

Era paixão enlouquecida, mas também um amor puro que desenvolvemos um pelo outro desde crianças. Eu não podia imaginar minha vida sem Gabi e sabia que ela também não imaginava a dela sem mim. Por isso tanto ciúmes. Amávamos demais.

- Não vou demorar, prometo. – Murmurei contra seus lábios, já excitado. – E então vamos encher a banheira e tomar um vinho juntos, ouvindo uma música bem legal.

- Promete? – Acariciou-me, beijando a covinha do meu queixo, como gostava tanto de fazer.

- Prometo.

- Não vejo a hora de viajarmos depois do casamento de Micah. – Ela murmurou, pois tínhamos comprado um pacote para passarmos pouco mais de uma semana no Rio de Janeiro,

hospedados no Copacabana Palace, conhecendo melhor a Cidade Maravilhosa. – Vai ser tão bom, Quin ...

- Vai, sim.

Ouvimos barulho e a porta se abriu. Theo, Heitor e Pedro saíram conversando. Pararam ao dar com a gente e Pedro não perdeu a oportunidade de debochar:

- Gabi não quer deixar você ir, Tourinho?

- Já nos acertamos. – Sorri e olhei para ela. – Não é?

- Sim. Mas Quin, se eu souber que uma daquelas fulanas chegou perto de você, eu ... eu ...

Meus irmãos riram. Bem humorado, esperei que terminasse a ameaça. Mas ela desistiu e acabou sorrindo e disse apenas:

- Confio em você.

- Faz bem. Vou e volto inteiro, prometo. – Dei um beijo em seus lábios e soltei-a. Sentiria saudades, mas não diria ali ou meus irmãos cairiam na minha pele. Abaixei-me para beijar Caio com carinho.

Despedi-me deles e saí, sentado atrás com Pedro, que como sempre só falava em mulher e dizia que, comigo, Theo e Micah comprometidos, sobraria mais dançarinas para ele e Heitor.

Como eu esperava, o Falconetes estava lotado de homens e a bebida rolava solta. Micah parecia feliz da vida e a música tocava alta. Todos comiam, bebiam, falavam alto, jogavam sinuca e esperavam ansiosos o show começar. Garçonetes serviam todo mundo, enquanto Dalila e Abigail ficavam atrás do grande bar.

Paramos por lá um pouco e notei como Abigail ficou toda nervosa ao ver Theo. Ele a cumprimentou e conversou um pouco com ela. De certa forma, fiquei com pena, pois era notório na cidade o quanto ela o amava. Assim como notei como Dalila sempre tinha parecido meio a fim de Pedro e Heitor. Acho que mais de Heitor, que sempre conversava com ela. Durante um tempo tinham sido grandes amigos.

As pessoas achavam que, por eu ser o mais novo entre os homens, não era observador. Enganavam-se. Desde pequeno sempre prestei atenção em tudo à minha volta. Só não era de me meter na vida dos outros, mas sabia de tudo. Talvez nem Heitor se desse conta que era alvo de uma paixão platônica de Dalila, até por que tinha sido apaixonado pela irmã dela, Francesca, que faleceu de câncer.

Theo terminou de falar com Abigail e foi para perto de Micah, que conversava animadamente com o delegado Ramiro. Abigail o admirou por um momento, então se recuperou e voltou ao trabalho. Continuei próximo ao bar ao lado de Pedro e de Heitor, quando Dalila, atrás do balcão, veio trazer nossos copos e a cerveja.

Eu a achava bonita, mas estava sempre muito fechada nas roupas pretas e com os cabelos escuros e compridos quase que escondendo o rosto. Devia ser difícil pra ela viver com premonições e ser chamada de bruxa pelas costas por várias pessoas na cidade, que inclusive a temiam. Mas eu gostava dela.

- Cadê as dançarinas? – Pedro indagou, olhando em volta, sendo safado de sacanagem: - Sem mulher isso aqui não tem graça!

- Ela vai chegar. – Dalila disse de repente e a olhamos.

Estava com aquele olhar parado e arregalado que não parecia dela, fixo em Pedro, o rosto pálido. Senti um arrepio percorrer minha espinha. Pedro franziu o cenho:

- Você quis dizer “elas”. Ou é uma dançarina só?

- Não é a dançarina. É a cantora.

- Vai ter cantora aqui hoje? – Ele a observou, cauteloso. – Dalila?

Seus olhos arregalados foram de Pedro para Heitor e disse baixo, mas ouvimos no meio da balbúrdia:

- Ela está chegando. E vai mudar a vida de vocês. – Seus lábios tremeram, sua expressão ficou mais carregada, quase choramingou: - Mas traz muita dor com ela. Muito desespero. E essa dor vai tocar em vocês.

- Dalila ... – Heitor se inclinou sobre o balcão e segurou sua mão, preocupado.

- Heitor ... – Seus olhos encheram-se de lágrimas. – Prepare-se para ela. Vai mudar a sua vida. E a de Pedro. Só o amor pode curá-la, Heitor. Só muito amor.

Ficamos calados, tensos. Por fim, ela pareceu despertar e piscou. Deu um passo para trás, respirando fundo, nervosa. Soltou-se da mão de Heitor, olhou para Pedro, para mim e depois para ele de novo. Murmurou:

- Estarei aqui, se precisarem de mim. – E praticamente afastou-se correndo.

- Que merda foi essa? Uma premonição? – Pedro parecia meio nervoso. – Não gosto dessas coisas.

- Dalila nunca erra. – Falei preocupado.

- Nunca erra. – Concordou Heitor, seu semblante carregado, seus olhos acompanhando Dalila. Murmurou, quase que para si mesmo: - De quem será que ela está falando?

Pedro não disse nada. Eu também não. Mas tive medo, pois a tal mulher traria dor e mudaria a vida dos meus irmãos.

Rezei para que Dalila se enganasse pela primeira vez. Minha família estava bem e feliz e eu não queria que nenhum dos meus irmãos sofresse. Mas aprendi com a vida que certas coisas simplesmente aconteciam, independente da nossa vontade.

E, de alguma maneira, soube que aquela mulher misteriosa chegaria.

Só esperava que meus irmãos estivessem preparados para ela.